

RELATANDO EXPERIÊNCIAS EM TORNO DA MINHA FORMAÇÃO COMO UM VIADO¹ PROFESSOR-PESQUISADOR

André Luiz Souza-Silva²

RESUMO

Na contemporaneidade, a produção de conhecimento não se limita a saberes estritamente objetivos, logo, podemos esquematizar saberes subjetivos. Desse modo, minhas experiências pessoal, docente e acadêmica podem ser matéria de reflexão no escopo de minha formação como pesquisador, também oportunizando a partilha de saberes junto a outros/as colegas ao construir uma frente militante diante dos saberes dissidentes. Nessa direção, o presente texto relata minhas experiências como discente de uma disciplina de características decoloniais, considerando seu impacto em minha formação como um homossexual professor-pesquisador. Para tanto, encaminho uma interpretação de natureza qualitativa de caráter fenomenológico que se debruça sobre a experiência enquanto discente de um componente curricular sobre pedagogias feministas, assim, esquematizo, nos moldes de um diário, minhas inquietações pessoais, docentes e científicas durante o segundo semestre de 2022. No que diz respeito a ancoragem teórica, lanço mão das postulações de Tiburi (2018), hooks (2018), entre outras vozes de alinhamento feminista. Dito isso, traço meus “devaneios” com altivez, reconhecendo como a contribuição de outras/os agentes colaborativas/os confirma como estou trilhando uma prática pedagógica da felicidade e do bom combate, bem como compreendendo minha identidade docente como marcada por múltiplos traços.

Palavras-chave: Educação, Formação Docente, Relato de Experiência, Gênero e Sexualidade.

INTRODUÇÃO

Durante o segundo semestre de 2022, ao ingressar como aluno especial de uma disciplina sobre Pedagogias Feministas – num programa de pós-graduação *stricto sensu* de nível profissional, em uma universidade estadual do Nordeste brasileiro – eu me vi na responsabilidade de tecer reflexões teóricas, analíticas e críticas mediante as discussões dos textos sugeridos e das práticas de estudo em contexto de aula. A partir disso, as ideias aqui circunscritas serão atravessadas por dizeres teóricos, conflitos cotidianos e relatos da vida (docente ou não), as quais resultam de minhas experiências acadêmica, profissional e pessoal marcada como homem gay, criado no Nordeste, filho de mãe divorciada, irmão mais velho de uma mulher e de duas meninas, tio de uma bebê linda e neto de duas idosas criadas na zona rural. Isso é relevante ao passo que compõe minha identidade – de diferentes maneiras – e forja minha masculinidade. Logo, o reconhecimento da(s) mulheridade(s) e da(s)

¹Adoto este termo para caminhar nos propósitos de uma inversão performativa da injúria, além disso, demarco um território, uma vez que é comum se desejar a desassociação de identidades do docente. Por isso, não sou gay e professor, sou um gay professor, minhas identidades trafegam, narram e colocam em movimento meu devir docente e minha personalidade homossexual.

²Doutorando em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba – PROLING/UFPB/CAPES, andreluiz.bans@email.com

feminilidade(s) que me cercam revela minha percepção da realidade justaposta, sendo, pois, sujeito de uma estrutura em que a maternidade é central e a figura matriarca se faz produzir.

Nessa direção, o presente artigo tem o objetivo de relatar minhas experiências como discente de uma disciplina de características decoloniais, considerando seu impacto em minha formação como um homossexual professor-pesquisador. Para tanto, alinho uma metodologia baseada no relato de experiência, logo, aciono uma natureza qualitativa de caráter fenomenológico e baseada em minha observação-participante no contexto de aulas mediadas pelo *Google Meet* durante os meses de agosto e dezembro de 2022.

Nesse alinhamento de interesses, atravesso meus relatos pelos dizeres teóricos de mulheres que compõem o combate de uma agenda feminista, a exemplo de Márcia Tiburi (2018), bell hooks (2018), Ângela Figueiredo (2020), Daniela Auad (2021), entre outras vozes. Desse modo, pensamentos de mulheres, mulheres lésbicas, mulheres transexuais, mulheres negras, etc. imperam nas reflexões que pretendo desenvolver aqui. Enquanto homem branco, ainda que homossexual, conto com a benevolência dos/as bem entendidos/as a fim de que reconheçam minhas possíveis limitações no interior das interpretações, não por desinteresse teórico, mas por ser sujeito criado e que vive numa estrutura patriarcal e racista que inferioriza e, por vezes, limita nossos questionamentos diante desse sistema de sociedade ainda tão excludente.

REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO

De modo teórico, anoro este relato em ideais feministas, pois, “mais do que necessidade, em última instância, o momento presente aponta para a urgência do feminismo, se considerarmos as profundas desigualdades com que não cessamos de nos deparar ea constante necessidade que temos de criar estratégias de enfrentamento” (Schmidt, 2015, p. 293). Nesse sentido, defendo o feminismo como oportunidade para a prática de reflexão sobre si, uma vez que é importante enunciar o movimento de nossas identidades, isso a partir do contato, convívio e conflito, em meio a um fazer político, mas que não precisa abandonar o tom poético, para celebrar o que somos e a potência do que podemos ser, conforme afirma Schmidt (2015).

Essa postura teórica, também aciona meu encaminhamento metodológico, o qual anoro na noção de professor/a-pesquisador/a (Bortoni-Ricardo, 2008). Nessa noção, a/o docente não se vê apenas como usuária/o e/ou reproduzidor dos conhecimentos que são produzidos por outras/os pesquisadoras/es, mas também se propõe a ser produtor/a de conhecimentos, especialmente em torno de seu fazer profissional com fins a melhoria de sua

práxis. Assim, conforme a autora aponta, há um compromisso com a reflexão sobre a própria prática, desenvolvendo ações que visem à superação de deficiências e o destaque aos aspectos positivos. Logo, o/a professor/a está aberto à formação continuada e à compreensão de novas e diferentes estratégias em torno do processo de ensino/aprendizagem, “[...] permitindo uma operacionalização do processo de ação-reflexão-ação [...]” (Bortoni-Ricardo, 2008, p. 48).

Por fim, este texto se faz possível por eu ter adotado um caráter fenomenológico – pois se faz a partir do que percebo no mundo – e de natureza qualitativa, por colocar em evidência relações de minhas identidades sexual, docente e acadêmica que não podem ser mensuradas em números. Para tanto, teço o relato e as reflexões numa espécie de “diário acadêmico”, pois, ainda que esse gênero textual/discursivo tenha caráter, predominantemente, íntimo, há anotações que compõem uma narrativa pessoal, marcada por experiências, pensamentos, sentimentos e/ou “segredos”. Junto a isso, a qualidade de acadêmico indica uma preocupação na aplicação de princípios do fazer científico, logo, busco alinhar este relato com postulados teóricos e metodológicos que o posicionem em uma feitura sistemática, ainda que fruto de muitas subjetividades.

RELATOS E REFLEXÕES

Na primeira semana de aula, em meio às apresentações, informei à turma que era discente de curso de doutoramento em Linguística (PROLING/UFPB), trabalhando com Sociolinguística (cf. Hora, 2021) e sua aplicabilidade aos marcadores sociais da diferença, especialmente gênero e sexualidade (Borba, 2020; Nascimento, 2021; Butler, 2022), então, disse para a turma que minha proposta de tese se concentraria em problematizar como travestis agem com e pela língua(gem) na manutenção e performance de suas mulheridades, considerando o papel da variação linguística a fim de compreender as atitudes e identidades linguísticas que permeiam suas noções sobre um “falar feminino”. Além disso, o primeiro encontro foi marcado pela ação de “se definir”.

Então, a partir de questões provocativas lançadas pelas professoras do componente curricular, pude materializar algumas ideias, no contexto do primeiro encontro. A primeira questão foi sobre o que compreenderíamos sobre feminismo e para tal indagação respondi o seguinte: o feminismo é Filosofia, teoria e prática, uma vez que encaminha reflexões sobre o patriarcado; como teoria sistematiza saberes; e na prática é um modo de ser e agir, sendo algo que potencializa a transformação social, educacional e pessoal. Junto à minha compreensão do que venha a ser feminismo, concordo com o que afirma Tiburi (2018):

O patriarcado sempre legislou sobre as mulheres, sempre quis dizer o que era melhor para elas - assim como o sistema faz com pessoas marcadas como negras, pobres ou diferentes em geral. O feminismo nos convida a deixar que as pessoas oprimidas, coagidas e humilhadas possam falar por si mesmas e sejam ouvidas (Tiburi, 2018, s/p).

Diante da ideia de “diferentes em geral”, como homem gay, trago à baila minha resposta à segunda pergunta das professoras: você é feminista? Compreendo-me como integrante, porque passei a entender minha masculinidade como feminista. Afinal, o(s) Movimento(s) Feminista(s) possibilitou pensar, além de feminilidades e mulheridades, outras masculinidades, outros modos de ser homem, e como homem gay é algo positivo. Logo, o movimento encaminha, permite, autoriza e legitima minha identidade para além da hetero-construção masculina. E, a partir de hooks (2018), compreendo que o movimento feminista precisa que homens de todas as idades e ambientes resistam ao sexismo de modo que isso seja valorizado. Afinal, “sem ter homens como aliados na luta, o movimento feminista não vai progredir” (hooks, 2018, s/p).

Nesse sentido, já argumentei em outro momento que a descentralização da figura masculina, como razão e única engrenagem de controle, possibilitou questionar a existência de outras masculinidades e como essas masculinidades performam diferentes identidades sexuais e de gênero, o que também acarreta em novos desdobramentos sobre a diversidade desses marcadores, garantindo renovação na agenda dos mais diversos movimentos sociais (Souza-Silva, 2022). Logo, por ser gay, entendo como minha sexualidade é um movimento distinto em meio aos arranjos sociais que padronizam nossos comportamentos e atitudes no seio da sociedade.

Por fim, as docentes questionam como o feminismo é recorrente em nosso fazer profissional e de pesquisa, então, como professor, isso ocorre ao defender uma agenda anti-hegemônica, por meio da qual compreendo a diversidade como espaço da pluralidade social; e como pesquisador, entendo que meu fazer científico clama por uma hermenêutica que questiona a cis-heteronormatividade. Exposto isso, vejo como tenho me apoderado de conhecimentos feministas ao longo da minha caminhada, isso me torna questionador, atrevido, compreensivo e, sempre, muito dissidente. Essas ideias finalizaram o segundo encontro.

Na dinâmica da disciplina, as aulas são chamadas de “rodas”, a princípio, em conversa com meu orientador de doutorado, eu me recordo bem de dizer a ele: “as aulas são pouco acadêmicas”. Contudo, logo me corriji em nossa conversa informal, pois as aulas em formato de roda, em que as Artes são instrumentos e objetos de agir, não são pouco acadêmicas, são

um “outro acadêmico”, isto é, outra forma de produzir conhecimento e compartilhar saberes, compondo uma agenda decolonial que escapa de modelos mais autoritários, especialmente por dar espaço para outras vozes não pré-determinadas pelos arranjos do formato educacional.

Para tal, as professoras cedem seu lugar de vozes unívocas e autoridades o saber para ocuparem, junto aos/às discentes e seus/suas convidados/as, o papel de coadjuvantes, apontando para uma sala de aula horizontalizada e marcada pela troca de experiências. Essa ação me oportuniza enxergar a prática de pedagogia dos (multi)letramentos, a qual se dá por meio da linguagem e é mediada por diferentes agentes sociais colaborativos, os quais são constituídos por saberes sociais, culturais e políticos diversos.

Em nossa roda de conversa três, fomos atravessados pelos saberes da primeira professora convidada, a qual conversou conosco sobre “Pedagogias Feministas”. Então, o que seria uma pedagogia assim rotulada? Conforme, Daniele Ferreira (2022), trata-se de uma pedagogia de engajamento político com a finalidade de movimentar o processo de ensino/aprendizagem ao trazer à tona os problemas de sujeitos/as marcados/as socialmente, assim, “denuncia as violências que cortam a carne, que sagram corpos dissidentes” (Ferreira, 2022, p. 92). Ao compreender essas ideias, acabo por conceber que a pedagogia feminista não se trata de um conjunto de metodologias, mas de uma postura diante de contextos que segregam, desumanizam, excluem e/ou inferiorizam quaisquer que sejam os/as sujeitos/as envolvidos/as nos processos de ensino/aprendizagem.

E, ao pensar nessa postura, recordo-me de um episódio não escolar, mas que poderia estar permeado por um ato de educar. Tenho o costume de pintar as unhas de diferentes cores, tal dia estava com elas pintadas de preto e, ao ir ao treino de musculação, uma garotinha me questionou o motivo de minhas unhas estarem pintadas – afinal, numa lógica ocidental e colonial, como pode um homem estar de unhas pintadas? –, então, antes que eu pudesse respondê-la, sua mãe interveio dizendo que eu seria um roqueiro, atribuindo a mim uma identidade nada próxima de minhas subjetividades e garantindo que eu não fosse “exposto”, mas me privando de um ato de educar para além das salas de aula. Então, o que eu poderia ter dito? Bem, pinto as unhas pelo motivo de gostar – também para incomodar, mas antes de tudo por me sentir bem – e meu desejo e intenção foram mascarados, a performatividade de minha identidade foi silenciada. Queria ter dito àquela criança que pinto as unhas porque gosto, me sinto bem, me acho mais bonito, arrumado, poderoso e perguntar se ela tem vontade de também pintar as unhas.

Nesse intento, o que se problematiza é a atribuição de papéis sociais e seus acessórios, pois o ato de pintar a unha é socialmente posto para mulheres no ocidente, mas essa atribuição

não sustenta validade que não seja cultural, assim, parece-me mais fácil continuar com o movimento de engrenagens que perpetuam práticas machistas em vez de questionar tal movimento e seus sabores. Desse modo, enxergo minha experiência cotidiana como homem gay afeminado pauta de uma pedagogia feminista, uma vez que galgamos “[...] caminhos em construção que vão se constituindo em meio aos paradigmas socioculturais que fazem rizoma no desenvolvimento das sociedades e vão exigindo tomada de consciência e intervenções” (Abreu, 2020, p. 200).

Em nossa quarta roda de conversa sobre o pensamento de mulheres negras, com outras duas professoras convidadas, foi possível refletir sobre a experiência da mulher negra atravessada no fazer acadêmico e pedagógico. Logo, esse movimento coloca em tensão questões teóricas e metodológicas, sejam elas de pesquisa ou de ensino/aprendizagem, afinal, junto a outras questões, “essas mudanças formaram o amálgama necessário para eclodir um movimento de mulheres negras, plural e diverso” (Figueiredo, 2020, p. 04). Frente a isso, considero importante pensar como minha formação universitária, por exemplo, me possibilitou o contato com as Literaturas Africana e Afro-brasileira, lembro-me de uma avaliação em que propus a análise de um poema de Cristiane Sobral.

No poema intitulado *Black Friday* e que sempre nos encaminha para a lembrança de Elza Soares: a carne mais barata do mercado é a carne negra. Afinal, os versos indicam a hipersexualização do corpo da mulher negra, o qual é desejado para o sexo, mas é abnegado como sujeito que tem em sua pele negra um manto de coragem, como já disse Linn da Quebrada. A partir disso, é valioso compreender que “[...] mulheres negras, muitas vezes, se encontram nas mesmas encruzilhadas, se banham nas águas do mesmo rio e se abrigam no parapeito das mesmas trincheiras” (Santos, 2019, p. 134). E, como homem branco, cabe a mim o lugar da escuta que aprende e se revigora; bem como da fala em meus contextos familiar e profissional, uma vez que me reconheço como um agente social colaborativo.

Em nossa quinta roda, em diálogo direto com a anterior, tratamos da escritivência, tema contextualizado ao objeto “literatura”. E, ao ler Oliveira, Lima & Santos (2022, p. 16), em um relato sobre experiências com a escritivência no contexto escolar, chamo a atenção pra isto: o “[...] exercício de escrever se vendo provocou mudanças nas relações entre profissionais da educação das duas instituições, que, partindo do afeto, se envolveram em agenciamentos coletivos”. Nesse ínterim, recordo-me de uma das primeiras orientações de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) supervisionada por mim. Tratou-se de uma proposta de letramento(s), a partir do gênero conto, com intenção de promover uma educação antirracista na Educação Básica.

Na época, fiquei receoso em orientar um trabalho que tivesse o texto literário como objeto de leitura na escola, pois venho de um alinhamento teórico-metodológico com foco na Teoria e Análise Linguística. Contudo, como professor de Língua Portuguesa, forjado no trabalho com a linguagem e defensor da promoção dos letramentos, aceitei a orientação e produzimos uma proposta pedagógica a partir de dois contos de autoras negras brasileiras, na intenção de auxiliar os/as professores/as da Educação Básica no trato da pluralidade cultural, contextualizada à raça, possibilitando nas salas de aula de LP o diálogo sobre racismo, considerando práticas de leitura, escrita e análise do gênero conto (cf. Silva, 2021).

Em nosso sexto encontro fomos convidados/as a “gingar”, e você leitor lembra-se daquele momento em que questionei o fazer acadêmico encaminhado na disciplina? Pois bem, no sexto encontro minhas impressões são atravessadas pela experiência preta, cisgênero, sapatão e pedagógica da professora convidada para o encontro sobre pensamento lésbico. Então, gingar é colocar em xeque, conforme Silva & Araújo (2021), os fundamentos que constituem o conhecimento da ciência moderna, abrindo espaço para o manuseio de elementos e a tomada de atitudes que possibilitem a construção de saberes não hegemônicos. Dito isso, o pensamento lésbico galga “[...] visibilizar outras vozes, outros corpos, outras lutas. É produzir outra ciência” (Silva & Araújo, 2021, p. 02).

No dia desse encontro, fiquei “afetado”, como bem dizem as professoras do componente, pois fiquei me questionando se poderíamos todes, enquanto professores/as, gingarmos em nossas aulas. No meu caso, o que seria fazer uma aula de LP aberta para a ginga, aberta para incomodar o sistema social, linguístico e institucional? Afinal, penso que isso já faço, estaria eu gingando sem saber? Era o que me parecia mais provável.

Assim, acredito que no momento em que um aluno meu, como outrora, já ocorrera, pergunta, durante uma aula de pronomes, como lidar na redação do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) com o uso de “a gente” vs. “nós” e eu lhe questiono: a) o que a competência gramatical avalia? b) como você acredita que esse uso linguístico será avaliado? c) está consciente das penalidades mediante a avaliação dos/as professores/as avaliadores/as? E, a partir dessas questões, lhe dou a possibilidade de refletir, tensionar e subverter pensamentos hegemônicos, estou gingando com ele e com a turma, uma vez que minha atitude ultrapassa uma ação prescritiva, puramente baseada em regras. Logo, promovo uma educação linguística emancipatória.

Nesse sentido, também posso mencionar minha decisão de trabalhar com temas sociais tidos como transversais, como da vez em que adentrei à sala de aula com o objetivo de pesquisar sobre “respeito à diversidade sexual e de gênero” (cf. Souza-Silva & Coppi, 2020;

Souza-Silva & Coppi, 2021; Souza-Silva & Coppi, 2022), favorecendo a promoção de multiletramentos. E, ainda que, institucionalmente, eu sentisse um certo incômodo, não deixei de realizar um trabalho de leitura e escrita contextualizado a uma demanda social relevante, mais uma vez ginguei com meus alunos? Acredito que sim e afirmo isso por concordar que a produção de novas práxis pedagógicas é um movimento para além de didático pelo seguinte:

[...] uma vanguarda da luta sexo-política contra o patriarcado, instâncias onde se busca construir com outros segmentos sociais oprimidos as bases de uma sociedade justa, onde não haja opressão social sexista, racista, classista, imperialista, dentre outras formas de opressão sintetizadas pelo sistema econômico, político e social patriarcal sexual capitalista (Silva & Araújo, 2021, p. 11).

Mediante o exposto, compreendo que o anseio por currículos progressistas, multiculturais e críticos são possíveis a partir, também, do desenvolvimento de um pensamento feminista, o qual coloca em tensão aparatos hegemônicos e torna o espaço escolar o lugar da pluralidade social e o “ensaio” para a vida dinâmica e desconhecida de todes que por ela passam. Enfim, tão produtiva a discussão sobre epistemologias lésbicas que foram dois encontros em debate profícuo e com outros **afetamentos**.

Em nossa ginga seguinte, oitavo encontro do semestre, dialogamos com mais uma professora convidada. Conversamos sobre topografias feministas, a fim de refletirmos sobre as possibilidades e encaminhamentos de uma teoria de mulheres, não apenas sobre mulheres. Momento este que também discutimos sobre feminismos, lesbianidades e pesquisas na área da Educação. Então, foi possível dialogarmos sobre as ideias de uma pesquisa feita **sobre** mulheres e a pesquisa feita **por** mulheres, bem como o encontro dessas duas possibilidades. Nessa aula, como pesquisador, fiquei afetado por ter optado por trabalhar com sociolinguística aplicada ao falar de travestis, mas, na verdade, ainda que eu saiba meu lugar nesse debate, sempre me questiono se serei eu alguém a dar uma contribuição valiosa para pautas desse grupo social tão marginalizado.

Durante a aula, me inquietei e entrei na roda, então, a professora convidada disse que eu ficasse tranquilo com a feitura da pesquisa, mas que garantisse o atravessamento de pensamentos transexuais e de travestis em minha produção de conhecimento. Afinal, ainda que eu não seja uma mulher transexual/travesti, minha pesquisa e produção de conhecimento expressam e potencializam pesquisa, docência, extensão, militância, ativismo e variadas ações, disposições e propósitos no intercruzamento de diferentes campos, conforme defendem Auad & Lahni (2021).

Nesse movimento, e na ventania dos pensamentos produzidos, espero, lá na frente, ter contribuído para que se tenha consciência de que minha produção, sobre algum aspecto da

travestilidade, “trata-se de lembrar para poder ressignificar vivências, reconciliar memórias, indagar saberes e, com isso, gestar conhecimento” (Auad, 2021, 04), assim como as memórias da professora endossam a potência da produção da categoria gênero no campo educacional, considerando a difusão do conhecimento feminista e de saberes lésbicos.

Adiante, em mais uma ginga de potencialidades, somos presenteados/as com a partilha de uma professora negra transexual e de um professor negro. Cada um apresentou um modo de enxergar a prática pedagógica, a primeira trabalha na produção de conhecimentos que possibilitem construir uma pedagogia da desobediência; o segundo propõe uma pedagogia de favela. E o que essas proposições têm em comum? Bem, ambas são, como se defende junto a Paulo Freire: emancipatórias!

O mais interessante – e irônico de tudo – é que as propostas dessas/es convidadas/os são aquilo que qualquer cidadão consciente e emancipado defenderia como uma educação positiva e necessária. Conforme Odara & Cardoso (2021), não há uma valorização da diversidade no ambiente escolar, logo, compreendo que uma **pedagogia da desobediência** é um fazer marcado pela multiplicidade de identidades, as quais são constitutivas de marcadores como gênero, sexualidade, etnia, raça, origem, os quais são conhecidos como “diferentes”, pois escapam a um modelo social que vigora até a atualidade. Já, conforme Arouca & Cardoso (2022), a **pedagogia de favela** é forjada no seio da comunidade, em contato com os conhecimentos locais e com a finalidade de colocar em evidência as potencialidades dos sujeitos socialmente marcados/as e desacreditados/as.

Ora, pois, não deveria ser toda pedagogia desobediente e de favela? Acreditar nisso pode ser utópico, mas há utopias necessárias, devemos acreditar em algo, alguém, abaixo à desesperança. Ao ter contato com os saberes de Odara e Arouca e por me identificar como um professor gay, vejo como fui um aluno desobediente, não no sentido de indisciplinado, mas por ser atrevido, acho que agora poderei pensar numa pedagogia do atrevimento? Não sei! Questionar o porquê das ações, das escolhas, das ordens; o que não mudou quando me tornei professor, pois sou inquieto, persuasivo e continuo atrevido, a diferença é que agora tenho bagagem teórica. Sejamos desobedientes a fim de sobrevivermos!

Por fim, tivemos as duas últimas gingas das quais não pude participar e que trataram de temas relacionados ao campo da transgeneridade. Não considero justo tampouco viável apenas cumprir o requisito de soltar uma citação ou outra por aqui a fim de tratar do assunto. Afinal, toda a disciplina foi guiada pela noção de afetamento, assim, é injusto comigo, com o processo e com você leitor/a alinhar ou ficcionar afetos não compartilhados e experienciados.

Apesar disso, desejo registrar uma experiência docente que tive com uma aluna transexual. No começo do período letivo, na época “ele”, sempre demonstrou uma personalidade introspectiva durante as aulas remotas na pandemia, mas também utilizava imagens engraçadas em seu perfil que apareciam na tela do computador. Isso me fazia comentar sobre e me tirava risos abertos em meio à aula. Então, depois de metade do semestre, aquele aluno me pediu, em meio à turma, que o chamasse a partir daquele momento, por um nome feminino.

Postura essa que me deixou muito confortável, mas também reflexivo sobre minha postura docente, afinal, agora minha aluna, não me pediu uma conversa ao fim da aula, ou enviou e-mail, ou solicitou meu *WhatsApp*. Ela se sentiu confiante em dizer isso em meio aos/às colegas, desvelando sua identidade, se expondo, mas também acredito que crente. Crente no meu agir docente e na minha proteção enquanto professor. Que responsabilidade bonita, gigante e temerosa, não é? Enfim, tudo ocorreu tranquilamente, mas reflito sempre como eu teria lidado com a interposição de alguém naquele momento. Seria eu um alicerce forte? Teria eu a desenvoltura necessária? Os aportes teóricos me sustentariam?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dado o supradito e em consideração aos movimentos epistêmicos que realizei neste texto, compreendo que os saberes feministas adentram em minha formação de modo valoroso, uma vez que esses saberes oportunizam repensar não só o “ser mulher”, mas outras formas de masculinidade. Assim, repensar o patriarcado é benéfico não só para a emancipação de mulheres, mas também para realinhar a rota de homens que não correspondam à lógica colonial e que organiza o sistema patriarcal. Portanto, os saberes feministas instrumentalizam e validam meu agir docente como professor homossexual.

Traçado este caminho, concluo meus “devaneios” com alegria, pois aprendi muito. Como professor a contribuição de cada convidada/o só confirmou como estou trilhando uma prática pedagógica da felicidade e do bom combate; como pesquisador fiquei inquietado, pois quero criar uma tensão dentro da Teoria e Análise Linguística, a partir de meu lugar epistemológico, a fim de alinhar um trabalho sociolinguístico contextualizado aos marcadores sociais da diferença; como homem fico grato pela partilha de tantas histórias de mulheres professoras/pesquisadoras; como aluno, feliz por tantas leituras de autoria feminina e; como gay, revigorado por todo meu empoderamento como sujeito.

REFERÊNCIAS

ABREU, L. O. **Pedagogia feminista no território escolar: devires cartográficos no enfrentamento da violência sexual infantil.** 267 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Diversidade) – Universidade do Estado da Bahia, Jacobina, 2020.

AROUCA, M. de J.; CARDOSO, C. P. Pedagogias de favelas: educação popular, emancipação e descolonização. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade - REED**, v. 3, p. 1-19, 2022.

AUAD, D. Caminhos entrelaçados: Feminismos e Lesbianidades na Pesquisa em Educação. **Revista Estudos Feministas**, v. 29, p. 1-15, 2021.

AUAD, D.; LAHNI, C. R. Topografias Feministas: uma teoria das mulheres em movimento. **Revista Estudos Feministas**, v. 29, p. 1-6, 2021.

BORBA, R. (Org.). **Discursos transviados: por uma linguística queer.** São Paulo: Cortez, 2020.

BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Tradução de Renato Aguiar. 22. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

FERREIRA, D. L. **Quem vê os flashes não vê os corres: práticas educativas atravessadas pelas pedagogias feministas sertanejas nas escolas estaduais de Conceição do Coité.** 142 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Diversidade) – Universidade do Estado da Bahia, Conceição do Coité, 2022.

FIGUEIREDO, Â. Epistemologia insubmissa negra decolonial. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 12, n. 29, jan./abr. 2020.

HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo** [recurso eletrônico]: políticas arrebatadoras. tradução Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

HORA, D. Sociolinguística(s)? In: MATZENAUER, C. L. B.; HORA, D. (Org). **Linguagem: variação e estrutura da língua.** Campinas: Pontes, 2021. p. 15-34.

NASCIMENTO, L. C. P. do. **Transfeminismo.** São Paulo: Jandaíra, 2021.

ODARA, T.; CARDOSO, C. P. Linguagens Socioeducativa e Práticas Pedagógicas Desobedientes: Narrativas Insurgente de uma Yalorixá Negra na Educação. In: CARDOSO, C. P.; MARTINS, M. A. M. (Org.). **Insurgências Pedagógicas Na Educação Básica.** Simões Filho: Devires, 2021, p. 35-47.

OLIVEIRA, I. V.; LIMA, J. M. A.; DOS SANTOS, G. L. “Escrevivências” e afectos literários entre universidade e escola. **Práxis Educativa**, v. 17, p. 1-19, 2022.

SANTOS, A. **Educação antirracista e feminista: narrativas de estudantes negras em Mirangaba-Ba.** 177 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Diversidade) – Universidade do Estado da Bahia, Jacobina, 2020.

SCHMIDT, S. P. "O Feminismo, ainda". In: FREITAG, R, M. K.; SEVERO, C. G. (Org.). **Mulheres, Linguagem e Poder**– Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira. São Paulo: Blucher, 2015, p. 291-304.

SILVA, P. F. J. S. da. **Um olhar antirracista nas aulas de língua(gem):** uma proposta de letramento(s) a partir do gênero conto. 2021. 39f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2021.

SILVA, Z. P.; ARAUJO, R. J. C. Pensamento lésbico: uma ginga epistemológica contra-hegemônica. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 3, 2021.

SOUZA-SILVA, A. L.; COPPI, D. dos S. M. A escrita em um projeto de letramento na educação básica: produção textual sobre respeito à diversidade LGBTQIA+. **Revista do Bui**, Campina Grande/PB, v. 2, n. 1, jan.-jun., 2022, p. 82-98.

SOUZA-SILVA, A. L.; COPPI, D. S. M. Respeito à diversidade sexual: práticas em aulas de língua portuguesa. **Letra Magna**, v. 16, p. 193-213, 2020.

SOUZA-SILVA, A. L.; COPPI, D. S. M. Uma proposta de letramento social para aulas de língua portuguesa: respeito à diversidade sexual. In: ÁVILA-NÓBREGA, P. V.; MANGUEIRA, J. V. (org.). **Estudos sobre línguas e literaturas na educação básica**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021, p. 238-268.

SOUZA-SILVA, A. L. **Sociolinguística com foco na comunidade LGBTQIA+:** atitude, identidade e estigma. 191f. 2022. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

TIBURI, M. **Feminismo em comum** [recurso eletrônico]: para todas, todes e todos. 4. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.